

entre a safra nova e a velha atualmente é de apenas alguns dólares, quando normalmente atinge até US\$25 dólares por tonelada. De acordo a Abitrigo, a tonelada do produto da safra nova, comprada em Up River nesta mesma época no ano passado, estava cotada a US\$104, e hoje está em US\$134. No disponível (safra velha), o trigo vem dessa mesma região, onde se colhe um cereal com maior teor de proteína, vale US\$140.

A Argentina, que usa 6,5 milhões de toneladas para consumo interno, vende agora um volume maior para o Brasil. Isso deve reduzir seus estoques finais em 2005 para 600 mil toneladas. Como o produto argentino de qualidade ficará mais escasso no decorrer da safra 2005/06, o Brasil buscará produtos em outros mercados.

Paralelamente, as indústrias brasileiras de trigo propuseram aos moinhos argentinos a equalização das alíquotas de exportação de pré-misturas de trigo, em 5% e 20%, respectivamente, para as tarifas de exportação do grão e da farinha, que estão em 20. A alegação é de que os argentinos se beneficiam da mistura de adição de sal na farinha para pagar a tarifa menor. Caso não haja acordo, o setor ameaça pedir medidas compensatórias e leis de fiscalização e restrição adotadas nas fronteiras gaúchas.

É a primeira vez que as indústrias dos dois países se reúnem oficialmente, com o apoio dos dois governos, para discutir o assunto. Os argentinos exportam por ano 240 mil toneladas de pré-misturas, o equivalente a 320 mil toneladas de trigo em grão, com uma receita de US\$48 milhões. Os problemas com as pré-misturas acontecem desde 2002. ■

LARANJA



## Cancro destrói viveiros na Flórida

No estado da Flórida, o cancro cítrico já afeta 10% dos pomares, com danos a centenas de produtores. Se a bactéria continuar em disseminação, os viveiros da região sul correm o risco de destruição. A erupção da doen-

ça cresceu desde 2004, a partir da ocorrência dos furacões. Cerca de oito dos principais estados produtores tiveram severos danos, como a Ben Hill Griffin Inc., em Frostproof, e a Southern Citrus, em Dundee, responsáveis por 65% da

A Secretaria de Política Agrícola do MAPA assumiu junto à Câmara Setorial de Citricultura o compromisso de até 15 de abril apresentar uma macropolítica para o setor.

Faz parte da proposta a elaboração de um modelo de contrato básico de compra e venda de laranja entre produtores e indústrias, que será desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

produção de plantas novas.

No mínimo, nos próximos dois anos, haverá problemas na oferta de mudas. O tempo pode aumentar, se os viveiros saírem do sul da Flórida para o norte da Geórgia. Por isso, as autoridades oficiais estudam abrandar a legislação, que não permite levar plantas de áreas infectadas para outras partes do território.

O Departamento de Agricultura resiste em continuar o pagamento para compensar as perdas com a doença, estimado em US\$15 milhões pelo Citrus Canker Erradication Program.

Até o começo de 2005, havia poucos pomares afetados com o cancro cítrico. Como o prejuízo era pequeno, as autoridades autorizaram compensar somente os produtores. Os viveiristas ficaram de fora do benefício.

## NOVA LEGISLAÇÃO

A Associação de Viveiristas da Flórida (Florida Citrus Nurserymen's Association), há mais de oito anos, tenta mudar a legislação. O debate é complicado e envolve quanto dinheiro o viveirista obterá com as futuras perdas. No caso dos produtores, se considera sete anos de perda de produção, que leva em conta dois anos com a proibição de replantio e outros cinco anos para a planta gerar uma produção comercial.

Se a legislação for modificada, os viveiristas não serão beneficiados com a compensação financeira. Para isso ocorrer, o Congresso ou o USDA terão de arcar com compensações da ordem de até US\$ 200 milhões. Os cálculos do USDA chegam a US\$300 milhões nos pedidos de compensação dos produtores.

Para se proteger da contaminação de cancro ou *greening*, os viveiristas precisam tirar seus estoques de plantas do cinturão citrícola do sul da Flórida. É a saída para garantir a oferta de plantas saudáveis e isentas de doença, produzidas em estufas. A quantidade de plantas a serem removidas ainda não foi decidida, face ao ataque fatal da bactéria do *greening*, desde agosto último.

A escassez de pomares afetará a indústria citrícola da Flórida. Sem a garantia na oferta de plantas novas e saudáveis, os produtores tenderão a replantar plantas doentes. Nos próximos cinco anos, dizem os especialistas da Florida's Natural Growers in Lake, a produção não passará de 200 milhões de caixas. Os produtores de laranja tinham colhido de 220 a 230 milhões de caixas antes das safras de 2004 e 2005, ambas afetadas pelos furacões. ■

## Fundecitrus

A guerra entre a indústria brasileira processadora de suco de laranja e citricultores ameaça o Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), uma das principais instituições de pesquisa do setor no mundo. Os recursos do Fundecitrus deveriam ser formados pela contribuição de R\$0,18 por caixa processada pela indústria, metade do valor a cargo do produtor e metade das empresas. A indústria decidiu não mais assumir um déficit de 20% no orçamento anual de R\$42 milhões do Fundecitrus, correspondente a 60 milhões de caixas, que deveriam ser pagas pelos produtores.

## Depois da tempestade

Com uma participação significativa de 80% nas exportações mundiais de suco de laranja, o Brasil pode abocanhar uma fatia ainda maior em virtude dos danos à citricultura da Flórida, provocados pela passagem de três furacões neste ano, e mais o comprometimento na oferta futura de árvores jovens e saudáveis.

Em decorrência dos acidentes climáticos, o cinturão citrícola da Flórida perdeu cerca de 55 milhões de caixas de laranja.

Com essa quantidade de matéria-prima, seria possível fabricar 200 mil toneladas de suco. Os estoques americanos de 400 mil toneladas devem sofrer um corte pela metade. O volume remanescente é suficiente para evitar as importações, se o país reduzir drasticamente suas exportações.

A condição comercial brasileira é bem favorável. Pelos cálculos da Abecitrus, os embarques nacionais ficarão no atual ano comercial 2004/05, de julho passado a junho de 2006, em nível próximo do apurado em 2003/04, de 1,350 milhão de toneladas.

Se há uma maior demanda por parte da Ásia e do Leste Europeu, especialmente Hungria e Polônia, já a Ásia se defronta com dificuldade, face à elevação da tarifa de importação em junho, de 7,5% para 30%, pela China, o principal mercado da região, que decidiu tirar o produto enviado pelo Brasil da categoria "suco congelado". O produto, quando congelado a 18°, padrão internacional, fica pastoso, e não sólido, como querem os chineses.

